

*Stella Dallas*, King Vidor (1937)

*Mildred Pierce*, Michael Curtiz (1945)

*Kramer vs. Kramer*, Robert Benton (1979)

F. X. Toole, *Million Dollar Baby*, Vila Nova de Famalicão, 2005 (itálicos do autor)

**“O boxe é para homens, é acerca de homens e *representa* os próprios homens. É uma celebração da religião perdida da masculinidade, tanto mais incisiva precisamente por se ter perdido.”**

***The Beguiled*, Don Siegel (1971)**

Clint Eastwood *Apud* Christian Jauberty, “Clint par KO”, *Première*, nº 337,  
Março de 2005: 75

**« (...) lembra-me as ficções que puderam ser rodadas nos anos 40 ou em outras épocas, bem longe dessas histórias sobre personagens contemporâneas que se movem em fatos de super-heróis. Eu amo apaixonadamente a minha profissão. Mas quanto mais Hollywood procura fazer produtos pré-fabricados, mais eu experimento o prazer da rebeldia, filmando histórias nas quais as personagens se destacam em relação aos efeitos especiais. »**

Clint Eastwood Cit. in Peter Bogdanovich “Clint Eastwood, Million Dollar Guy”,  
*Revista Y, Público*, 30 de Dezembro de 2005: 7

**“Disse ao director de fotografia Tom Stern: ‘vamos tratar este filme como se fosse a preto-e-branco. Se tivesse coragem filmaríamos a preto-e-branco, mas não tenho, por isso vamos fazê-lo parecer a preto-e-branco’. Falámos de sombras e então o que fiz, quando acabámos, foi garantir que o laboratório dessaturava a cor até ao limite. Retirei a cor, especialmente para o terceiro acto, quando vamos para o hospital, as paredes brancas, os lençóis, a nudez. Queria um *look* dos anos 40. Disse ao responsável pelo guarda-roupa: ‘vamos filmar isto como se fosse a preto-e-branco, não quero o *Feiticeiro de Oz* – quero que a cor seja imperceptível.’”**

***Dead Ringers, David Cronenberg (1988)***

Peter Bogdanovich e Clint Eastwood *Apud* “Clint Eastwood, Million Dollar Guy”, *Y Cinema, Público*, 30 de Dezembro de 2005: 6

**Don Siegel (1968): “Clint Eastwood tem uma fixação no anti-herói. É o seu credo na vida e em todos os filmes que fez até agora insiste em ser o anti-herói. Nunca trabalhei com um actor menos preocupado com a sua imagem.”**

**Clint Eastwood: “Sim, quando fazíamos alguma coisa anti-heróica, eu era o primeiro a alinhar. Talvez fosse a influência de Cagney, de o tipo comer uma perna de galinha e disparar do porta-bagagens de um carro [*White Heat*, 1949, realizado por Raoul Walsh]. Mas decidi: ‘Ei, o público gosta de mim ou não, se não gosta, azar.’”**

Clint Eastwood Cit. *in* Peter Bogdanovich “Clint Eastwood, Million Dollar Guy”, *Revista Y, Público*, 30 de Dezembro de 2005: 6

**“Gosto disso. O período da história de que menos gosto são os anos 1950, 1960, quando as raparigas andavam sempre de rabo-de-cavalo, a correr de um lado para o outro. Acho que era melhor quando havia uma Bette Davis e as verdadeiras damas apareceram; tinham força e às vezes o filme baseava-se nas suas personagens. Mesmo com Clark Gable, *It Happened One Night* [1934] não seria tão bom se não fosse Claudette Colbert. Se tivessem posto ali uma pessoa qualquer não teria funcionado.”**

Clint Eastwood *Apud* Richard Schickel, “The burden of heroes”, *Time*, 23 de Outubro de 2006: 81

**“(…) I felt that heroes a lot of times are disturbed people. But I think a lot of people who do extraordinary heroic things sometimes have got some sort of a little insanity thing. So I’ve always played heroic people as slightly flawed, slightly haunted by something else. In *Unforgiven* [1992], William Munny is definitely a flawed guy, and he only becomes heroic at the end because he’s just kind of gone crazy.”**



*A perfect world*, Clint Eastwood (1993)

***Gran Torino*, Clint Eastwood (2008)**

***The Mule*, Clint Eastwood (2018)**

***Juror #2, Clint Eastwood (2024)***

Clint Eastwood Cit. *in* Peter Bogdanovich, “Clint Eastwood, Million Dollar Guy”, *Revista Y, Público*, 30 de Dezembro de 2005: 7.

**“(...) podia ter deixado para o espectador decidir se era ou não a decisão certa. Alguém podia pensar que era a decisão errada, mas senti que era a decisão que devia ser para aquele projecto em particular. Ela [Maggie] argumenta, e ele [Frank] gosta tanto dela – ela tornou-se a filha com a qual ele nunca teve uma relação, e é o dilema final. (...) Não queria fazer um filme contra ou a favor da eutanásia – só queria levá-lo ao ponto em que se tornou aquele dilema particular naquela situação particular; não necessariamente uma coisa abrangente sobre a eutanásia em geral.”**

**São Jorge, Marco Martins (2016)**